

Águas que
movem o país



Uma das primeiras personalidades nacionais que previram o potencial energético do rio Paraná foi ninguém menos que Euclides da Cunha. Ainda na primeira década dos anos 1900, o jornalista – que ficou para a história ao registrar a Guerra dos Canudos no livro “Os Sertões” – partia em direção à Amazônia.



Euclides da Cunha publicou “Os Sertões”, em 1902, e concluiu o livro “À Margem da História”, em 1908

A maior ponte fluvial do país estende-se por 3,7 km sobre o rio Paraná. É rodoferroviária, ligando Aparecida do Taboado (MS) a Rubineia (SP) (pág. anterior e ao lado)

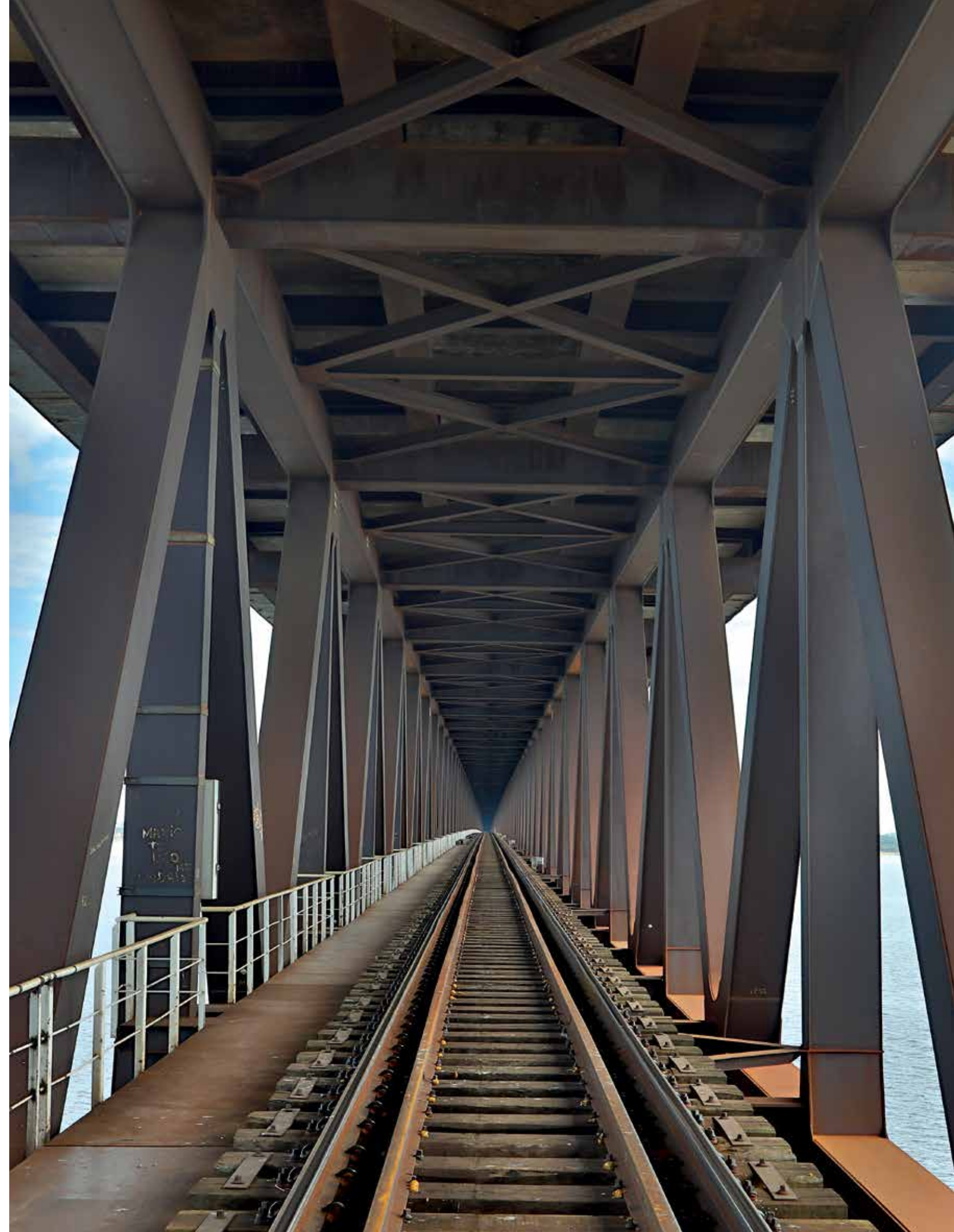
No seu trajeto para a maior floresta tropical do mundo, ainda desconhecida e pouco explorada, Euclides passa pelo rio Paraná e se depara com o impressionante movimento das suas águas, que mereceu registro no livro “À Margem da História”, ainda que esse fosse dedicado aos imensos rios amazônicos.

“Os terrenos compreendidos entre as duas quedas, Urubupungá no Paraná e Itapura no Tietê, distantes uma légua, são a base vindoura do mais importante dos centros industriais da América do Sul, dispondo de energia mecânica incalculável nas catadupas, que, somando-se à derivada do Salto do Avanhandava e transformando-se em energia elétrica, não só satisfará a todos os misteres das indústrias como à tração de estradas de ferro que por ali passarem.”

Euclides da Cunha

A abundância da água e a força com que corria, movida pelo declive do rio, já havia espantado quem se aventurava a navegar pelo Paraná nos séculos anteriores. “Grandíssimos redemoinhos de água e de muito perigo para as canoas”, alertava em espanhol dom Luís de Céspedes, ainda em 1628. Mais tarde, em 1816, o tesoureiro-mor da Sé de São Paulo também descreveu a região de Jupiá como “um recife de pedras, que nasce de uma a outra margem para a foz do rio, ficando um pequeno boqueirão, por onde correm as águas com imensa velocidade, fazendo muito redemoinho”.

Corredeiras, saltos, quedas. Sim, você deveria imaginar um rio selvagem. Com muitas curvas sinuosas, o Paranazão também era preenchido por ilhas, que ainda existem em um último trecho, no estado do Paraná. Todo o restante do rio, no território nacional, foi represado, a partir do final dos anos 1960, por quatro grandes usinas hidrelétricas.





As pontes ferroviária e rodoviária em Três Lagoas (MS). Ao fundo, a usina hidrelétrica Jupuí

Euclides dizia que o progresso da região passaria pelas corredeiras do rio Paraná, pois “a volubilidade do rio contagia o homem”. Mas o contágio foi muito mais poderoso: a energia gerada pelo movimento das águas do Paraná passou a mover o país.

JUPIÁ E ILHA SOLTEIRA

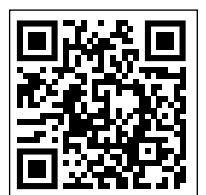
A região do Urubupungá, na divisa do noroeste de São Paulo com o Mato Grosso do Sul, foi a primeira a chamar a atenção para a geração hidrelétrica. Duas usinas estão instaladas ali: Jupuí e Ilha Solteira. Embora tenham sido planejadas conjuntamente, as obras começaram por Jupuí, na cidade de Três Lagoas (MS), pois a ferrovia que atravessava o rio Paraná já tinha atraído boa infraestrutura para a cidade, o que dava apoio e facilidade para o início das obras.

Embora menor que a usina Ilha Solteira, a hidrelétrica Jupuí foi um marco para a construção civil brasileira. Até então, a única grande obra no setor de energia elétrica era a usina Furnas, em Minas Gerais,

no rio Grande (formador do rio Paraná). Ela havia sido implantada por uma empreiteira estadunidense, com equipamentos, projeto e técnicos importados. Jupuí seria a primeira usina a ser construída com mão de obra inteiramente nacional. Em 1962, uma empresa brasileira ganhou a concorrência para as obras de engenharia civil e a usina foi concluída em 1968.

Com apenas 60 quilômetros de distância entre Jupuí e Ilha Solteira, a mesma equipe se deslocou para planejar a segunda, por volta de 1965, enquanto a primeira ia sendo concluída. Quando começou a operar, em 1973, Ilha Solteira era considerada a sexta maior usina hidrelétrica do mundo.

A falta de infraestrutura na região da segunda usina, que ficava entre os municípios de Pereira Barreto (SP) e Selvíria (MS), levou a uma ideia inovadora – na época e até os dias de hoje: a construção de um núcleo urbano permanente. Os projetistas fizeram as contas e concluíram que a construção de um núcleo provisório para abrigar



Vídeo captado por drone das pontes e da usina hidrelétrica Jupuí



Área do núcleo urbano planejado durante a construção da usina Jupia é reconhecível nesta imagem de satélite da cidade de Três Lagoas (destacado no círculo branco)

os trabalhadores somente durante o período de construção da barragem teria o mesmo custo de um núcleo permanente. O que fazia a diferença é que implantar uma estrutura urbana não provisória traria um impacto positivo para o desenvolvimento da região, ficando como um legado e diminuindo o custo social da obra.

Segundo trabalhadores que participaram da construção da usina, a prefeitura de Selvíria da época havia recusado a instalação de um núcleo no território do município, receosa de que o inchaço repentino na sua população pudesse acarretar problemas na ordem social e econômica.

A criação de milhares de empregos temporários em grandes obras pode gerar também impactos sociais negativos. No entanto, a instalação de um núcleo urbano permanente evitou esse cenário e criou novas oportunidades. O canteiro de obras que poderia ter sido abandonado com a estreia da usina virou uma cidade planejada.

Com atendimento de saúde e educação para os filhos dos barrageiros (como eram chamados os trabalhadores da usina), Ilha Solteira foi planejada para 32 mil habitantes e, com a saída de parte dos trabalhadores após o fim das obras, continuou com 26 mil moradores. Aproveitando a infraestrutura deixada pela construção da usina, a cidade ganhou em 1976 um campus da Universidade Estadual Paulista (Unesp), que viria a se tornar uma das mais importantes universidades do país. Mas foi só em 1991 que Ilha Solteira conseguiu a emancipação de Pereira Barreto para se tornar um município por si só.

Embora esteja em firme território paulista, Ilha Solteira foi assim batizada pelos barrageiros, em referência a uma ilha solitária no rio Paraná, à jusante da construção da barragem.

Atualmente, a usina Ilha Solteira é a sexta maior do Brasil, com 3.444 megawatts de capacidade instalada. A capacidade total do



Vídeo captado por drone da usina hidrelétrica Ilha Solteira